

Duplicado

4625

29

4695

O POÇO DO BISPO

Opereta em 3 Actos

Original de: Ernesto Rodrigues - João

Santos e Félix Bermudes:

MUSICA DO MAESTRO:

WENCESLAU GINTO

S
160
29



PRESIDÊNCIA DO CONSELHO

SECRETARIADO NACIONAL DA INFORMAÇÃO, CULTURA POPULAR E TURISMO

INSPECÇÃO DOS ESPECTÁCULOS

LICENÇA DE REPRESENTAÇÃO

A Comissão de Festas de Nossa S^a de Olivei-
COM SEDE EM Samora Correia ra
FICA AUTORIZADA A FAZER REPRESENTAR NO TER-
RITÓRIO PORTUGUÊS A SEGUINTE PEÇA TEATRAL:

TÍTULO O POÇO DO BISPO

GÊNERO opereta

ORIGINAL Ernesto Rodrigues, Felix Bermudes

ACTOS 3 e João Bastos QUATROS

TRADUTOR

ADAPTADOR

QUE FOI REGISTADA NA INSPECÇÃO DOS ESPECTÁCULOS
SOB O N.º 4695 E CLASSIFICADA PELA COMISSÃO
DE EXAME E CLASSIFICAÇÃO DOS ESPECTÁCULOS COMO

ESPECTÁCULO PARA MAIORES DE 12 ANOS

INSPECÇÃO DOS ESPECTÁCULOS, 3 DE Julho DE 1962

Pel'lo INSPECTOR DOS ESPECTÁCULOS

[Handwritten signature]
-3. JUL. 1962



POÇO DO BISPO

Opereta em 3 actos
de



ERNESTO RODRIGUES, FELIX BERMUDES e JOÃO BASTOS

MUSICA DE WENCESLAU PINTO

Esta peça foi representada pela primeira vez,
no Teatro Avenida, na época de 1924-1925

PRESIDÊNCIA DO CONSELHO	
SECRETARIADO NACIONAL DE INFORMAÇÃO, CULTURA PO- PULAR E TURISMO	S.  R.
I CENSURA S	
N Título	<i>U Poço do Bispo</i>
S Registo	<i>4698 em 20/X/1953</i>
P Censura	<i>24/X/1953</i>
E para	<i>R. J. de Oliveira: Lavada Coucin</i>
C Decisão	<i>12 anos / C/ Cortes</i>
ÇÃO DOS ESPECT	

Festas do 6º Aniversário do C.A.S.T.
Inauguração do Ginásio "J.M.F. Delgado"

8/12/50 a 17/12/50

Representação
DISTRIBUIÇÃO

Jeremias

ROSINHA... <i>M. Perpétua</i>	LUIZA SATANELA
D. SANCHÁ	MARIA SANTOS
D. MARTINHA	RAQUEL MOREIRA
MARCOLINA	SOFIA DE SOUSA
BRIZIDA	TINA ALVES
CLARA	ZULMIRA VARGAS
CELESTE	EUGENIA COUTINHO
LUCINDA	JOSEFINA SILVA
PEDRINHO... <i>J. Costa</i>	ESTEVAM AMARANTE
TINOCO, barbeiro... <i>H. Catarão</i>	NASCIMENTO FERNANDES
BARBOSA... <i>J. Félix</i>	JOSÉ VÍCTOR
PADRE PAULA <i>Manuel Costa Paula</i>	JOÃO SILVA
DR. LOBRO... <i>J. ro.</i>	ARMANDO MACHADO

RUY

H. Dinarte

Camponezes e camponezas

Mariana
Maria Rita

A acção passa-se na provincia. Actualidade

Conte-negres : *António Helta*
Orlando Viers

ACTO PRIMEIRO

Cena de jardim, á entrada do antigo solar do bispo D. Paio Damião do Souto Geráldez de Barbacena e Ruivães. A' E. um frondoso carvalho. A' D. porta e fachada do solar com seu alpendre. Fundo de campo. Ao subir o pano, Brizida, governante, recebe camponezes de ambos os sexos que são portadores de varios presentes (cestos de ovos, um cabrito, doces, etc.) para D. Sancha e D. Martinha, que fazem anos nesse dia. Manhã de sol.

Cena I

Côro de Camponezas

O ANIVERSARIO

Côro

Vem hoje aqui tudo em comicio
Para saudar de forma urbana
O aniversario natalicio
Da Dona Sancha e mais da mana

(Bis)

Stá viçosa e videirinha
A Dona Sancha (Bis)
Mas tambem Dona Martinha
Se não desmancha (Bis)

Bons casaes e quintas tem
E terras suas (Bis)
Mas contudo, dão se bem
Ambas as duas. (Bis)

E apesar de serem manas
Desde pequenas
Nunca entre elas ha chicanas
Ou quaesquer scenas

Vem hoje aqui tudo em comicio
etc. etc.

Cena II

Brizida — Ora que pena não estarem as meninas!

1.º Camponez — E demoram-se muito?

Brizida — Ainda não vieram da missa.

1.ª Camponeza — Pois eu trago lhe aqui este cestinho com fruta lá da horta.

2.ª Camponeza — E eu estes queijinhos frescos.

3.ª Camponeza — E eu este folar.

Todos — E eu isto e aquilo... (referindo se ao que trazem)

Brizida — Está bem, está bem. As meninas hão de gostar muito de vêr que não se esqueceram do dia dos seus anos.

Côro — (num rumôr) Ora essa! Pois então!

Brizida — E agora vão até à adega que elas não podem tardar.

1.º Camponez — Obrigada Snr.ª Brizida. Por aqui é gentes! (Saem)

Cena III
Fundo Musica de salda

[Barbosa] — (tipo de rustico endinheirado, brumantes, entrou) Ora muito bom dia!

Brizida — Bom dia, senhôr Barbosa.

Barbosa — Então, grande alegria cá por casa?!

Brizida — Se lhe parece... o dia não é para menos.

Barbosa — Não é do aniversário que eu falo. Pregunto é se as senhôras gostaram daquela surpresa que eu cá lhes mandei.

Brizida — Surpresa?... Algum presente?

D. B. [Entra Mariana]

Barbosa — (depois de ligeira hesitação) E e... não é. Isto é, como o outro que diz, não é, mas pode vir a ser.

Brizida — Pois nós cá ainda não recebemos nada.

Barbosa — (sobresaltado) Quê?! Ainda aqui não veio o meu filho?

Brizida — O Pedrinho? Ainda não senhôr.

Mariana — Não dei fé.

Barbosa — Mãe raio o partam! Chame lá as senhoras!

Brizida — As meninas estão na igreja.

Barbosa — (a Mariana) O snr.ª Mariana, tenha paciencia, vá lá avisa-las que venham depressa.

Brizida — (inquieta) Ha alguma novidade?

Barbosa — E' um telegrama de Lisboa.

Brizida — Credo! Abrenuntio!

Mariana — Um telegrama? Será desgracia?...

Barbosa — Avie-se mulher, não perca tempo!

Mariana — Jesus, Maria José! (sae a correr). F.E.

Brizida — Querem ver que é desgosto... e logo num dia destes!

Barbosa — Caes desgosto! E' até uma

que tem a mania de mandar vir amostras de tudo.

Martinha — Eu? Eu nem sequer sei o que é um quimico!...

Pedrinho — (com uma risadinha) Um quimico é um homem...

Martinha — Um homem! Mandava eu agora vir amostras d'homem! A mana tem cada disparate... *(entra Mariana)*

Marcolina — Um quimico é um homem de sciencia, um sabio como nós dizemos nas escolas. (Com desdém) E foi para isso que o senhôr apanhou umas calças!

Pedrinho — Apanhei, não. Perdi umas calças, que isto já não tem concerto.

Sancha — Um sábio! Um sábio em nossa casa! E' preciso preparar tudo para o receber.

Martinha — O' Mariana, vá a casa do Snr. Paula pedir à menina Rosinha se vem cá dar uma ajuda. *(Mariana sae)* F. E.

Sancha — E você, Brizida, vá arranjar o quarto do menino e o quarto dos hospedes. *(Sancha e Martinha ficam contracenando com Brizida)*

Pedrinho — Ai, agora, por quarto, ó D. Marcolina tome lá o seu quarto de Vidago e dê cá o xarope que eu mandei por engano.

Marcolina — Mas eu não pedi isso, pedi gazolina.

Pedrinho — Ai, a gazolina era para si? Então para quem diabo é que eu a mandei?

Marcolina — Mandou-a para o Manel da Azenha; já lá foi o seu pae levar o xarope.

Pedrinho — Mas o xarope não era para ele, era para o gato do Administrador que está com tosse convulsa.

Marcolina — Fel-a bonita!

Pedrinho — Pois é, aquele meu pae sempre me arranja cada sarilho!...

Sancha — O' D. Marcolina, que comida come um sabio?

Pedrinho — Se calhar é dieta.

Marcolina — Qual! Um sabio come de tudo.

Sancha — Então mata-se uma galinha.

Martinha — Ou esfola-se um cabrito.

Pedrinho — Credo! As senhôras também se uma diz «mata» a outra diz logo «esfola».

Marcolina — Mas vamos lá a saber: quem é que mandou analisar a agua?

Sancha — Eu não fui!

Martinha — Nem eu!

Pedrinho — Não foi ninguém, foi o meu pae. Eu mesmo é que mandei o garrafão para Lisboa, para o Snr. D. Ruy.

Marcolina — Mas com que fim?

Pedrinho — Ora essa! para fazer aqui

umas grandes Caldas, com chalets, Casinos, hoteis, garages, teatros, animatografos...

Martinha — Teatros!

Sancha — Animatografos!

Pedrinho — E quem sabe, como diz o meu pae, se, com o andar dos tempos, uma praça de toiros.

Marcolina — (furiosa) Está doido varrido! Eu não posso ouvir mais baboseiras.

Sancha — Então a D. Marcolina não acha isto uma boa ideia?

Marcolina — Pela minha parte, não lhes dou os parabens. Se a ideia é boa ou má, a sciencia é que o ha de dizer.

Sancha — Ora essa!

Marcolina — (com um sorriso amarelo) Por enquanto, acho prudente pôr as aguas de molho. Com sua licença, vou ajudar aos preparativos. *(Sae disfarçando uma viva irritação)*

Sancha — Parece que a D. Marcolina não gostou muito da ideia!

Pedrinho — (Risonho) Deixe lá, é estúpida! Aquilo se calhar é inveja!

Martinha — Mas inveja de quê?

Pedrinho — Ora de quê! As senhoras vão ficar para ahí pôdres...

Sancha e Martinha — Pôdres?!

Pedrinho — Pôdres de ricas! Isto vae ser uma terra de agua maior que Vichy!

Sancha e Martinha — (com pasmo) Chi!...

Terceto cómico

PEDRINHO, SANCHA E MARTINHA

I

Pedrinho

Quando se saiba no estrangeiro
Que temos agua mineral
Corre p'ra aqui todo o dinheiro
Vae ser Mogoito a capital,
Teremos praças, avenidas,
Varios hoteis, muitos chalets.
Um grande campo de corridas
Café concerto e cabarets.

Martinha

E á noite no casino
Quantas festas! Que bonitas!

Sancha

Dançaremos co'o menino!
Essas danças esquisitas.

Pedrinho

Eu agradeço a preferencia
E permitam-me que anote
Rag-time p'ra voscencia
E p'ra a mana um Fox-trot!

(Dança)

Isto aqui
Melhor do que Vichy
Ficará
Nem Paris
Segundo o que se diz
Ganhará
Pois me afoito
A dizer
Que Magoito
A meu vêr
Bem melhor ha-de vir a ser.

(Bis os trez)

II

Pedrinho

Quando vocencias num coupé
Forem até ao balneario,
Com seu cocheiro de libré
Pareilha branca e trintanario,
Com a maior solicitude,
Chapeu na mão, 'stá bem de vêr,
Eu tomo assim esta attitude
Para ajuda-las a descer.

Martinha

Eu hei-de andar decotada
No passeio da alameda

Sancha

E eu de saia arregaçada
Mostrando as meias de seda.

Pedrinho

E no parque de recreio
Ver-nos hão de braço dado
Eu de charuto no meio
Com uma de cada lado

Isto aqui
etc.

(No final do terceto Pedrinho sae) F. E.

Cena XII

Sancha — Ai, mana que ainda não estou
em mim! Vae finalmente realizar-se o meu
ideal.

Martinha — Pode dizer: o nosso!

Sancha — Vou já escrever para o Gran-
de, a mandar vir amostras e figurinos.

Martinha — Figurinos para quê?

Sancha — Então a mana quer ir aos toiros
nessa figura?

Martinha — Aos toiros não vou, mas ten-
ção ir ao Casino.

Paula — (entra apodado, guarda sol
na mão, limpando o suor a um grande
Ora salve-as Deus e o Senhor
casa.

O Snr. Padre Paula a esta

vo Aconteceu alguma coisa?

Padre — Ah! (fixando-as alternadamente)
já toca a rebate nas vossas consciencias!

Martinha — A rebate?! O' mana Sancha,
isto será consigo?

Sancha — (persignando-se) Santo Nome!
Reverendo! que quer dizer com isso?

Padre — (sentando-se) Acalmem-se; acal-
mem-se e vamos conversar com bons amigos.

Martinha — Somos todas ouvidos.

Sancha — Ponha o seu chapéu que vem
suado.

Padre — Ora eu, mal acabei a missa,
quando entrava na sacristia, recebi uma má
nova que me deixou déveras surpreendido.

Martinha e Sancha — Má nova?

Padre — Sim: soube que seu sobrinho ia
chegar, acompanhado de tres quimicos.

Sancha — Tres?!

Martinha — Santissima Trindade! é um só,
senhor Padre Paula!

Padre — Só um?... Bem, para o caso é
o mesmo. Um quimico para analisar as aguas
santas! as aguas do Pôço do Bispo, do vir-
toso prelado vosso tio, o nobre D. Paio do
Souto Geraldês de Barbacena e Ruivães,
que santificou este solar.

Sancha — O' snr. Padre, nós!...

Padre — (interrompendo) Mas sabeis, acaso
o que é um quimico?

Martinha — Dizem que é um homem.

Padre — E' Belzebuth!... (grande estre-
meção de Sancha e Martinha) é Belzebuth com
forma humana!

Sancha — (aterrada) Gloria pater! (murmura
rezas)

Martinha — (idem) Vade retro! (idem)

Padre — E' a Belzebuth que ides abrir as
vossas portas, sentar á vossa mesa, para
gaudio de herejes e jacobinos!

Sancha — Mas que havemos de fazer agora?

Martinha — Valha-nos Nossa Senhora!

Padre — Agora é tarde; resta-vos expiar
o castigo do céu que pode ir até á exco-
munhão.

Sancha — Fê la bonita, mana! Está exco-
munhada!

Martinha — Credo! Excomungada está a
mana que achou boa a ideia!

Padre — (depois duma pausa) Pobres almas
caídas! Foi Deus que me enviou em vosso
auxilio. Recebei esse homem, já que assim
é mister, mas não deixeis tocar numa só pe-
dra desse pôço. Eu vos aconselharei no
resto; e agora que me pareceis arrepen-
didas, lanço-vos a minha benção e cá vou.

Sancha — Muito obrigada, santo Padre,

Martinha — Vae pedir a Deus o nosso perdão?

Padre — Não; agora vou almoçar que estou com fome. (sae) *E.B.*

Sancha — Vê, mana, que bonito! Vá já queimar uma pá de alecrim!

Martinha — Credo, anjo bento!... saramago, mostarda e alho! (Saem para casa, atraz uma da outra, resmungando rezas).

(Entra Ruy, seguido de Tinoco, ambos com malas de mão) *Cena XIII*

Ruy — Anda avia-te! tens muito tempo de ver tudo.

Tinoco — (tipo de meia idade, mal acabado, barbeiro em Lisboa, encarregado por Ruy de desempenhar o papel de químico. É ignorante, mas esperto, com todos os predicados de um grande intrujão). Ah!... mas isto é que é muito catita!... O' snr. D. Ruy isto é tudo seu?

Ruy — Ainda não e talvez nunca venha a ser.

Tinoco — Ora essa porquê?

Ruy — Se as minhas tias descobrem as intrujices que lhes tenho feito!

Tinoco — Não pense nisso, elas descobrem lá nada. Se o snr. as intrujou sósinho, imagine agora com a minha ajuda!

Ruy — Sabes, Tinoco, isto é uma coisa que tu não comprehendes... Lá em Lisboa, longe daqui, sou capaz de tudo: invento negócios, faço compras fingidas, todo esse rosario de poucas vergonhas para apanhar dinheiro ás minhas tias...

Tinoco — O dinheiro fez-se para girar! Ponha essas massas todas ao sol!

Ruy — (apreensivo) Agora aqui deante desta casa de meus avós, nesta atmosfera de familia e de respeito, parece que tudo me acusa. Aquelas janelas olham para mim com espanto; esse carvalho secular estende para o ceu os braços contorcidos clamando o meu castigo.

Tinoco — O' D. Ruy, o snr. não está bom da pinha!... As janelas coitadas, nem pestanejam e aqui o snr. Carvalho está mudo e quêdo que parece uma arvore.

Ruy — Ah! não! Tinoco, não! decididamente não tenho coragem. Voltemos para traz.

Tinoco — Para traz?!... Para traz digo eu. Então foi para isso que o snr. me foi desinquietar á loja onde estava tão socegado a fazer barbas!...

Ruy — Deixá-lo, deixá-lo, vamos embora!

Tinoco — Mas embora para onde?

Ruy — Para Lisboa.

Tinoco — (com uma fungada de riso) Para Lisboa!... E então as letras no fim do mês, o agiota, o tribunal, o escandalo?

Ruy — E' verdade!...

Tinoco — Então é que eu lhe digo que aqui o mestre Carvalho lhe estendia uma bengala destas em cima do lombo que até o D. Ruy entrava ali por aquela janela sem pestanejar.

Ruy — Tens razão!... Mas que hei-de eu fazer?

Tinoco — A salvação está no pôço; a agua mineral é remedio para tudo.

Ruy — Pois seja! é a fatalidade que me empurra.

Tinoco — Está visto, atire-se ao poço... e de cabeça! *Cena XIV*

Mariana — (entra da horta com um molho de rabanetes e hortaliças) Ai, o snr. D. Ruy!

Ruy — Schiu! não grites que quero fazer surpresa!

Mariana — Está bem, está bem.

Ruy — Olha, vai ali ao portão ensinar ao chauffeur onde é a cocheira grande.

Mariana — Eu vou, Sr. D. Ruy. Ai como as senhoras vão ficar contentes!

Tinoco — Olha que beleza de hortaliça... Com licença, minha menina... (Tira um rabanete do molho)

Mariana — (cumprimentando) Sr. Químico!... (sae) *F.E.*

Tinoco — Químico... Então já sabem que sou químico?!

Ruy — Naturalmente pelo telegrama.

Tinoco — (descascando o rabanete com um canivete) Olhe isso é que me está a dar a mim cuidado. De barbeiro a químico é um grande salto... é quasi um salto a Luiz XV.

Ruy — Tens medo disso... do químico?

Tinoco — (comendo o rabanete) Tenho medo mas é do fisico! Se aparece por ali alguem que saiba química, ferra-me um ensaio que me dá cabo do laboratorio.

Ruy — Qual quê! Aqui ninguem sabe nada. Trata mas é de fixar bem os nomes que te ensinei e atira com eles a proposito de tudo.

Tinoco — Já não me escapam, está tudo aqui apontado. (Tira um livro de mortallas e lê na capa) Lavoisier... Laplace... G... ussaque...

Ruy — Gay, não é G... como é a formula da ag...

Tinoco — (recordando) a dessa...

Ruy — Aú?! isso é q...

Tinoco — Não faz mal... E na altura da análise...

desta garrafinha, que eu fui trazendo à capela.

Brizida — *(Chegando à porta de casa e vendo Ruy)* Ah... *(gritando para dentro)* O' meninas! minhas meninas! Venham cá todas! Chegou o menino Ruy.

Tinoco — Diabo da velha! que susto me meteu!

Ruy — *(baixo a Tinoco)* Atenção agora, hein? Linha! Faze-te quimico. E tem cuidado com a lingua, nada de calão, hein?

Tinoco — Quaes calão! isso agora vai tudo em vernáculo científico! *(Entram Sancha e Martinha com grande alvoroço. Criados e criadas entram de todos os lados, formando grupo)*

Sancha e Martinha — *(Dentro)* Onde está ele?... Onde está ele?...

Sancha — *(entrando)* Olha o meu Ruy!

Martinha — O nosso Ruy!

Sancha — *(abraçando-se a Ruy)* Querido sobrinho!

Martinha — *(idem)* Vem a meus braços Ruysinho

Ruy — Minhas queridas tias! *(formam grupo abraçados)*

Tinoco — *(á parte)* Ih! que valente casal de perúas.

Canção e câro

AS BOAS VINDAS

Câro

Senhor Dom Ruy bemvindo seja
 Seja bemvindo ao seu solar
 Toda a familia aqui festeja
 O morgadinho ao regressar.

Magoito em peso rejubila
 Nobreza e clero e nós também
 Pois toda a gente aqui na vila
 O considera e lhe quer bem.

Ruy

E' com vivida e profunda gratidão
 Que eu recebo tantas provas de carinho!
 Elas falam-me dos tempos que lá vão
 E as saudades vão chegando de mansinho.

Que ternura me penetra o coração
 Ao sentir-me regressar ao patrio ninho
 Longe dele uma esperança busco em vão
 Só tristezas vi medrar no meu caminho!

Uma voz

Viva o snr. D. Ruy!

Todos

vo

Viva!

Sancha

(dirigindo-se a Tinoco com profunda venia)

Eu aproveito a ocasião
 Pra saudar Vossa Excelencia

Tinoco

Pois eu em nome da ciencia
 Retribuo a saudação! *(profunda reverencia)*

Câro

Senhor Dom Ruy, bemvindo seja
 etc. etc.

Sancha — Mas que surpresa! No dia dos nossos anos!

Martinha — E' verdade!

Ruy — Quê?! As tias fazem hoje anos?

Sancha — Pois não te lembravas?

Ruy — *(disfarçando)* Pois lembrava! Então não me havia de lembrar. Foi até por isso que nós viemos hoje. Mas antes de mais nada, minhas queridas tias deixem-me apresentar-lhes o meu companheiro de viagem.

Sancha — *(baixo a Martinha)* E' ele, mana!

Martinha — *(baixo a Sancha)* E' o Barzabum!

Ruy — *(apresentando)* O snr. Antonio da Silva Tinoco, illustre quimico analista. *(á parte)* Que Deus me perdô!

Tinoco — *(ares palacianos)* Preclarissimas madonas!... *(faz uma venia)*

Sancha — *(baixo a Martinha)* Mana, não lhe cheira a enxofre?

Martinha — E' verdade! T'arrenego!

Tinoco — Eu vos envio muito saudar!

Ruy — *(baixo a Tinoco)* Bravo! bravo! muito bem.

Tinoco — Na minha qualidade de modesto representante da quimica nacional, sinto um profundo orgulho em ser agasalhado debaixo da telha de V. Ex.^{as}

Sancha — A honra é toda nossa!

Martinha — O nosso solar é que é modesto...

Tinoco — Modesto!... Não diga isso! Isto aqui com umas mezas e uma boa pinga fazia-se um retiro que metia a Perna de Pau num chinelo.

Sancha e Martinha — *(Entreolhando-se)* Retiro?!

Ruy — *(á parte)* Estupido! *(alto)* Sim... lá diz o poeta «O' Sintra, saudosissimo retiro...»

Sancha e Martinha — Ah!

Tinoco — Pois é. Só a sombra desta arvore, quanto não vale! *(Olhando o porte da arvore)* E' uma arvore de impenca!

Martinha — De impenca? E' um carvalho!

Ruy — Pois é, mas não vê a tia que ha varias espécies de carvalho; aqui o sr. Tinoco chamou-lhe o nome scientifico.

Tinoco — Justamente; este, quimicamente falando, é de impenca. Vem do latim impenca, impencorum. E' daqui que se tira a impencacuanha.

Ruy — (áparte) Diabos o levem!

Martinha — (baixo) Que bem que ele fala!

Sancha — Já dei por isso. *Acta XVIII*

Marcolina — (aparecendo da casa com grande espalhafato) Olha, olha, o Sr. D. Ruy! e não me disseram nada! Então como está?

Ruy — Olha a D. Marcolina, quanto prazer!

Tinoco — (áparte) Será outra tia?

Sancha — E falta ainda a minha afilhada.

Martinha — (baixo a Brizida para que Ruy não ouça) Brizida vá chamar a **Rosinha**.

Brizida — Não é preciso, já ahi vem. (Indica a escada, para onde todas as atenções se voltam)

(**Rosinha** aparece, no alto da escada, sób o alpendre, uma abada de rosas no avental. Vendo Ruy.) *Acta XVIII*

Rosinha — Ah!... O Ruy!... (Emendando) O Sr. Dom Ruy!... (solta involuntariamente uma das pontas do avental, deixando cair algumas rosas)

Ruy — (Fita Rosinha, alguns instantes, impressionado. Não a reconhecendo pergunta interessado) Quem é?

Martinha — Pois não a conheces?

Sancha — Olha, olha, não a conhece!

Dueto e Côro

O RECONHECIMENTO

Ruy

E poderia, acaso, eu conhece-la,
Se tão estranha e linda me aparece
Como a visão de perfumada prece
Que um lírio murmurou para uma estrela?

As flores soltas dessas mãos formosas
Diante dos meus olhos de infiel,
Fizeram-me evocar Santa Isabel
A refflorir o pão da esmola em rosas

Côro

O fidalgo está pasmado
Co'a beleza da pequena
Na verdade vale a pena
Que é linda como o pecado,

E p'ra falar com franqueza
Uma tão bela cachopa
Com certeza não se tópa
Em toda esta redondeza.

Rosinha

O galanteio é distinção dos nobres
E Dom Ruy é fidalgo... eu já sabia;
Não fica bem, contudo, á fidalguia
Mesmo por distinção zombar dos pobres.

O fino madrigal que lhe mer'ci
Vae reverter D. Ruy, em seu favôr...
Pois venho dar-lhe as saudações em fiôr...
As rosas do milagre são para si

(Desce oferecendo a Ruy a abada de rosas.
Ruy beija-lhe galantemente a mão)

Os dois e côro

E' grato ver surgir suavemente (Bis)
A sombra do passado
Quando almas que cresceram lado a lado
Se encontram novamente (Bis)

Os dois e côro geral

O coração palpita alegremente
Feliz e perturbado (Bis)
Quando almas que cresceram lado a lado
Se encontram novamente (Bis)

Rosinha — (descendo as escadas) Assim se esqueceu de mim, senhor D. Ruy?

Ruy — Não me esqueci, minha senhora...

Sancha — Olha, olha, «minha senhora»...

Ruy — Não me esqueci, Rosinha... mas como podia eu reconhecê-la, se a ultima vez que a vi era uma criança... E como se fez bonita em tão pouco tempo!

Rosinha — Veja lá, Dom Ruy, não me faça vaidosa (ficam contracenando)

Marcolina — (que tem estado a mirar Tinoco. A Sancha e a Martinha) Este snr. é que é o quimico?

Tinoco — (apresentando-se) Quimiquissimo, minha senhora. Antonio da Silva Tinoco, proprietario da Barbearia Universal.

Marcolina — Barbearia?!

Tinoco — (emendando) Eu disse barbearia? Que barbaridade! da Laboratoria... Laboratorio, laboratorio Universal.

Sancha — (apresentando) A snr.^a D. Marcolina, professora oficial de Magoito.

Tinoco — Professora? Ah! então somos colegas. (estende-lhe a mão e fica contracenando animadamente com Sancha, Martinha e Marcolina)

Ruy — Estava bem longe de vir e uma recordação tão florida do meu

Rosinha — (*Indicando as flores do avental*) Florida com as rosas do seu jardim.

Ruy — Não; com as flores da sua graça, Rosinha.

Rosinha — Ih! o que ahi vai! se as meninas de Lisboa o ouvissem dizer essas coisas a uma provinciana, que troça elas lhe faziam, D. Ruy... E era muito bem feito.

Ruy — Se troçassem era de inveja. Dá-me uma rosa?

Rosinha — São todas suas. Olhe, esta é muito bonita.

Ruy — Não, não, gosto mais daquela... a mais pequenina de todas.

Rosinha — E porque gosta mais dessa?

Ruy — Porque ainda não é bem uma rosa... é uma Rosinha.

Martinha, Sancha e Marcolina — (*Aterradas pelo final da narração de Tinoco saltam em côro um grande grito*) Ai!...

Martinha — Credol!

Marcolina — Oh!

Sancha — Que malvadez!

Rosinha — Que foi?!

Ruy — Que é isso?! (*aparte*) Que terá dito aquele selvagem?

Sancha — Esteve-nos a contar o snr. Tinoco como se extráe o ácido fosfórico dos olhos dos gatos.

Rosinha — Dos olhos dos gatos?!

Martinha — Parece mesmo impossível. Que horror!

Sancha — Pobres bichinhos, coitadinhos... os olhos tirados com saca-rolhas!

Ruy — (*aparte*) Mas que grande estúpido! (*tentando justificar*) efectivamente os olhos dos gatos são fosforescentes...

Tinoco — Mas este processo dos gatos foi apenas empregado na descoberta do fosforo; mais tarde o meu colega Lavoisier inventou então as caixas de fosforos.

Marcolina — Mas os livros não dizem nada disso.

Tinoco — Nem podem... isto são segredos profissionais. É a sciência. E onde a sciência impera e a arte domina os livros nada valem.

Sancha — O' mana, o ~~Padre~~ ^{com.} Paula enganou-se, não tem nada de Mefistófeles.

Martinha — É até muito simpático.

Ruy — (*afrito, aparte*) Este diabo estraga tudo! (*Procurando desviar a conversa*) Pois, minhas tias, nós vimos realmente um tanto fatigados e...

Marcolina — Tem razão; tem razão... Eu vou acabar de arranjar os quartos.

Rosinha — (*rindo*) E eu vou acabar de arranjar a mesa. (*sae*) **D. B.**

Brizida — (*ao Côro*) Vamos, vamos, cada qual ás suas obrigações. (*Côro sae com uns compassos de orquestra*) **D. B.**

Marcolina — (*a Tinoco*) V. Ex.^a gosta de sumaúma?

Tinoco — Gosto! gosto!... um bocado de sumaúma, gosto! Eu como de tudo, minha senhora.

Ruy — (*aparte*) Camêlo!

Marcolina — (*sorridente, a Sancha e Martinha*) Que sabio tão espirituoso! (*Sae. Sancha e Martinha saltam uma risadinha*) **D. B.**

Ruy — O' tiasinhas, não estejam com essas maçadas porque nós demoramo-nos apenas um dia ou dois...

Sancha, Martinha e Tinoco — Só?!

Ruy — Bem vêem que os negocios... o escritório. Isto é só o tempo de o ilustre quimico concluir os seus trabalhos.

Sancha — Mas, ó Ruy!...

Ruy — E não é só por mim. Aqui o sr. Tinoco tem os seus afazeres... o seu laboratorio.

Tinoco — Não, não, cá por mim não se prenda, que isto quem diz dois dias diz quatro ou mesmo oito, que se forem precisos quinze eu não me importo de estar cá um mez.

Ruy — Não, uma coisa tão simples...

Tinoco — Se é simples ou complicada é comigo, quem é aqui o quimico? Isto de analisar as aguas não é para todos... é preciso apanhar as aguas de maré.

Ruy — Bem... mas apenas o snr. quimico reconheça que as aguas são mineraes, as tias dão-me o dinheiro e nós seguimos immediatamente a tratar do resto. Para as despesas de registo, licenças, réclamos, projectos, etc., são precisos ahi uns...

Martinha — (*Embaraçada, entreolhando-se com Sancha*) Mas, ó Ruy... sobre esse assunto é que nós precisamos de ter uma conversa em particular.

Ruy — Uma conversa para quê?

Martinha — (*embaraçada*) Sim é que...

Sancha — (*vivamente*) Para que está a mana com esses rodeios? Nada de arcas encoiradas: o que o ~~padre~~ ^{com.} Paula diz é que a agua não é quimica porque é benia e que é pecado analisar a obra de Deus, ora aí está.

Ruy — E' espantoso.

Tinoco — Eu logo vi! mais uma vez o fanatismo a encravar o progresso! Agora a

ciência quer as caldas, o ^{coim.} padre não quer as caldas. Ora cavacas!

Ruy — Guiei-me pelo meu conselho, que sou o unico varão da familia.

Sancha — Mas o que dirá o ^{coim.} padre?

Tinoco — Acolham-se aos meus braços, minhas senhóras, aos braços paternaes da ciência, porque onde a ciência impera e a arte domina, o ^{coim.} padre nada vale!... (mudando de tom) Por onde é o poço?

Sancha e Martinha — Por aqui, snr. sábio. (Tinoco sae D. A. com uma por cada braço)

Ruy — (apreensivo) O Padre Paula! o velho amigo!... Terá desconfiado de alguma coisa?... O melhor é consultal-o. (Sae) E B.

F.E. D.B. Pedrinho — (Só, olhando para o chão, a procurar) Onde demônio perderia eu os sinapismos?... Se calhar, comeu-os o cão!... Já a gazolina não sei para onde a mandei... Não está no Manel da Azenha...

Rosinha — (entrando) Ora ainda bem que o encontro, snr. Pedrinho!

Pedrinho — O mesmo digo eu, menina Rosinha... Então como está?

Rosinha — Muito zangada comsigo.

Pedrinho — Sim? porquê? que lhe fiz eu?

Rosinha — Nada, ia-me matando, só.

Pedrinho — Matal a, eu?! Fazia lá uma coisa dessas! Eu, que era capaz de me matar por si!

Rosinha — Sim? Pois não parece. Em vez de Agua de Botot para os dentes, mandou-me sublimado...

Pedrinho — Sublimado em vez de Botot? Já sei, quem o botou foi o meu pae. Ele sempre me arranja cada sarilho!

Rosinha — Mas o farmaceutico é o sr. portanto a culpa é sua.

Pedrinho — Engana-se! pelo contrário, a culpa é só sua.

Rosinha — Minha?! então, eu, porventura, estou na farmacia?

Pedrinho — Está, sim, Rosinha; a menina está em tudo que eu vejo, em tudo que eu toco, em tudo que eu oíço. A menina sorri-me de dentro dos frascos; diz-me adeus nas caixinhas; belisca-me nos braços das balanças e pisca-me o olho de dentro das gavetas. Está no gral em que piso a linhaça e na pedra em que faço as pomadas.

Rosinha — Palavra de honra? eu estou assim em toda a parte como Nosso Senhor? (Rindo) E' extraordinario!

Pedrinho — E ainda está em outro sitio que eu tenho acanhamento de dizer.

Rosinha — Já agora, diga tudo.

Pedrinho — Então, lá vae. (Misterioso, espreitando em redor) E' aqui! (Aponta o coração)

Rosinha — Na algibeira do colête?

Pedrinho — Mais dentro... no coração.

Rosinha — Mas que tem isso com a troca dos remedios?

Pedrinho — Tem tudo!... Eu estou a fazer umas pilulas, (gesto proprio) e parece que estou a tatear as meninas dos seus olhos! Mecho nas barbas de milho e julgo que estou a afagar os seus cabêlos! Pego nas moscas de Milão, parece que oíço o zumbido da sua voz.

Rosinha — E' um bonito retrato! Olhos de pilulas, cabelos de barba de milho e voz de môsca de Milão! E estava o senhor tão calado com isso! (Ri)

Pedrinho — Estava calado, mas se não falasse rebentava! e sabe Deus a quantos terá sucedido o mesmo, por sua causa!

Rosinha — Por minha causa? Credo!

Pedrinho — Eu cada receita que avio, é cada um que rebento!

Rosinha — Que horrôr! e seu pae que diz a isso?

Pedrinho — Agora já não diz nada... bate-me! mas eu quanto mais ele me bate, mais gosto de si.

Rosinha — Coitado! já vejo que a doença é incuravel!

Pedrinho — Engana-se, Rosinha, bastava uma palavra sua.

Rosinha — Sério? e que palavra é essa?

Pedrinho — Um «sim»!

Dueto cómico

SIM... NÃO

I

Pedrinho

De um sim... apenas dependia
Viver contente e ser feliz
Dê-me Rosinha, essa alegria
Diga que sim... Porque não diz?

Rosinha

Assim, colhida de surpresa,
E' tão violenta a comoção
Que até a lingua fica presa...
Quer dizer sim... mas diz que não.

Pedrinho

Olhe p'ra mim
Diga que sim!

Rosinha

Faz-me impressão
Digo que não!

Pedrinho

Assim co'a mão
Diga que sim!

Rosinha

Não, não!

Pedrinho

Sim, sim!
E' mesmo um serafim

Rosinha

E' mesmo um paspalhão

Pedrinho

Sim, sim!

Rosinha

Não, não!

II

Rosinha

Com a mania de trocar
E as confusões que senhor tem
Muito receio se casar
De que me troque a mim também.

Pedrinho

Posso trocar mel por benzina
Cinco tostões por dois escudos,
Mas se casasse co'a menina
Trocava-a sim... mas em meúdos.

Pedrinho

Olhe p'ra mim
etc.

(Saem)

Pedrinho F.E.

Rosinha F.E.

Ruy

Cena XXI
(Entra, dando o braço a *Padre Paula*)
Como eu estou contente por ver o meu
velho mestre e querido amigo!

Padre

Pois olha, Ruy, não imaginas
como eu tenho pena de não te poder dizer
o mesmo!

Ruy

Ora essa, meu *padre*! não com-
preendo!

Padre — É a primeira vez que a tua pre-
sença nesta terra me contraria e me sobres-
salta.

Ruy — Mas...

Padre — E não é por ti, não, que para nós
és sempre bemvindo... mas por esse
homem que escolheste para companheiro.

Ruy — *(comigo, apavorado)* Sabe tudo!

Padre — Ora, dize-me, Ruy, de onde te
surgiu a ideia de explorar as aguas desse
poço?

Ruy — Mas... pensei que dessa explora-
ção... em suma, viria o progresso da nossa
terra e a felicidade deste povo.

*(A orquestra inicia em surdina de arco uma
descrição musical dos assuntos do dialogo se-
guinte)*

Padre — A felicidade deste povo?! Então
estás convencido, Ruy, que se lhe roubares
as suas crenças, se o enfranqueceres na
sua fé, este povo será mais feliz?

Ruy — Mas, meu *padre*, é a primeira vez
que o vejo renegar a sciencia...

Padre — Eu não renego a sciencia, defendo
a fé porque quando ela existia, o povo era
feliz porque era crente; e os portugueses
desse tempo, que eram bravos e valentes
como nunca, batiam-se como leões contra
os inimigos da Patria e não se esfacelavam
uns aos outros!

Ruy — *(profundamente abalado)* Confunde-me
Padre Paula! Eu que sempre lhe conheci as
ideias mais liberais, venho hoje encontra-lo
inclinado ao fanatismo.

Padre — Não é fanatismo, Ruy; eu falo-te
assim porque conheço os homens; porque
vejo que quanto mais vazias estão as egre-
jas, mais regorgitam as tabernas e as ca-
deias. Eu falo-te assim porque conheço os
homens, não é porque acredite na santidade
das aguas.

Ruy — Ah! não acredita?

Padre — Não, mas quero que acreditem
os simples.

Ruy — *(com alívio)* Ah! bem!...

Padre — E afinal, Ruy, que mais te faz
a ti que a virtude das aguas se atribua a
Deus ou ao bicarbonato? Vamos, põe de
parte esses projectos e escuta o meu con-
selho.

Ruy — Pois bem, *Padre Paula*, só tenho
uma razão a opôr ás suas: Se eu lhe dis-
sesse que em tudo isto... ha um compro-
misso de honra...

Padre — Ah! bem, se assim é...

Ruy — Se soubesse a luta...

Padre — Basta, Ruy, basta: a honra é a
maior das fés, pois que é a fé em nós
mesmos.